

## Resistências a teoria da sexualidade infantil de Sigmund Freud<sup>(1)</sup>.

Alline Aparecida Costa Lopes<sup>(2)</sup>; Maria Aline Holanda Bezerra<sup>(3)</sup>

<sup>(1)</sup>Trabalho executado com recursos da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar;

<sup>(2)</sup>Assistente Social, estudante de Psicologia da Faculdade evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros RN; [allineaclopes@hotmail.com](mailto:allineaclopes@hotmail.com);

<sup>(3)</sup>Estudante de Psicologia da Faculdade evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros RN; [alineholanda@hotmail.com](mailto:alineholanda@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho é de caráter bibliográfico, e explora a resistência da sociedade a teoria desenvolvida por Sigmund Freud sobre a sexualidade infantil. Sendo um dos precursores no estudo da sexualidade humana, publica em 1905 um estudo denominado de “Três Ensaio Sobre a Sexualidade Humana”, onde descreve a criança desde o nascimento como um ser que exerce atividades sexuais, o que causou grande impacto na sociedade e ao Cristianismo. O trabalho inicia-se a partir de uma breve exposição da teoria e segue com recortes de teóricos psicanalistas que citam críticas que a obra de Freud sofreu na época em que foi desenvolvida.

**Termos de indexação:** Criança; Sociedade; Igreja.

### INTRODUÇÃO

O trabalho busca relatar sobre a resistência que a Psicanálise sofreu especificamente as teorias que citam sobre a sexualidade infantil.

Nos referimos a resistência que Freud sofreu, por uma sociedade conservacionista regida pelos valores do Cristianismo no início do século XX e que demonstrou inquietações por não aceitar que uma criança em seus primeiros dias de vida já tivesse uma sexualidade em formação. Para muitos, Freud era taxado de o criador de uma teoria imoral, obscena e impopular por afirmar que as tendências sexuais chamadas por ele de perversas e catalogadas como aberrações humanas, eram universais e presentes até mesmo nas crianças.

As teorias de Freud foram de grande importância para o desenvolvimento da Psicologia e suas obras e trouxe para o termo sexualidade uma maior clareza e naturalidade.

Esse trabalho objetiva lançar uma discussão sobre os preconceitos arraigados na sociedade da época, sociedade esta que não deu importância aos escritos de Freud, o taxando de imoral, obsceno e impopular, principalmente por ter relacionado à figura da criança, até então comparadas apenas a figuras ou sentimentos que expressem pureza e bondade.

### MATERIAL E MÉTODOS

É um trabalho de caráter bibliográfico, que explora a resistência da sociedade a teoria de Freud sobre a sexualidade infantil. A metodologia adotada foi à revisão bibliográfica, através da leitura de livros e artigos.

O trabalho inicia-se a partir de uma exposição de os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, o capítulo II – A Sexualidade Infantil, especificamente e segue com recortes de teóricos psicanalistas que citam críticas que a obra de Freud sofreu, na época que foi desenvolvida.

Os artigos foram analisados de acordo com as seguintes categorias previamente definidas: Conceitos de Freud sobre a sexualidade infantil; Influência da igreja na mentalidade da sociedade da época; A criança vista como um ser puro e angelical; Resistência sofrida por Freud. Após o mapeamento das citações, identificamos conforme os enfoques priorizados, agrupamos e interligamos umas as outras.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sigmund Freud foi um dos precursores no estudo da sexualidade humana. No ano de 1905, Freud escreve e publica um trabalho denominado de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, onde veio a causar grande impacto na sociedade da época, extremamente conservadora. Em sua obra, defende que a manifestação da sexualidade acontece em fases muito mais precoces do desenvolvimento humano, ou seja, ela está presente no indivíduo desde o seu nascimento.

Na obra, “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, o capítulo II – A Sexualidade Infantil, Freud percebeu que as crianças desde o nascimento, exerciam atividades sexuais e estabeleceu cinco fases dentro das quais aconteceria o desenvolvimento emocional e psicosexual da criança, conceito este que foi fortemente criticado, pois relacionava a sexualidade e a libido, palavra originária do latim que significa desejo/ anseio. Para ele, em um primeiro momento, a libido vai estar localizada na boca, constituindo o que denominou de primeiro estágio ou *fase oral*. À medida que a criança

amadurece, a libido vai deslocando-se para outras fases do corpo, criando novas zonas erógenas. O segundo estágio, surge a partir dos dois anos de idade quando a criança começa a ter o controle dos esfíncteres. Essa é a *fase anal*, que é quando a criança tem um sentimento de controle sobre as próprias coisas, simbolizado pela liberação ou contenção das fezes. A terceira fase é a *fálica* por volta dos quatro anos da criança, e caracteriza-se pela localização da libido nos órgãos genitais. Na fase fálica, acontece o fenômeno que o autor chama de Complexo de Édipo. “Após fase que Freud chama de latência, que vai dos 6 aos 11 anos, caracterizada por uma relativa inatividade do impulso sexual, inicia-se, na adolescência, a fase genital. Concomitante com a maturação biológica ocorre a partir daí a retomada do impulso sexual, que, com a busca do objeto de amor fora do grupo familiar, o indivíduo assume as características da sexualidade adulta”. (CECCARELLI, 2000, p. 20).

A ideia que se tinha sobre o assunto no século XX eram completamente inversas ao pensamento desenvolvido por Freud e até os dias atuais mediante a modernidade, o tema pode causar inquietações em algumas pessoas ou grupos.

Iniciamos com a prerrogativa de que, a concepção vigente da época, era de que a sexualidade tinha como objetivo a reprodução e se manifestaria naturalmente na fase da puberdade. Acreditava-se que o sexo e os órgãos sexuais estavam “inativos” e “acordariam” com o surgimento dos hormônios sexuais, por meio de um processo natural de cada indivíduo. Dessa forma, como aceitar que um bebê pudesse ter vida sexual? Freud nos afirma: “A primeira e mais vital das atividades da criança — mamar no seio materno (ou em seus substitutos) — há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo do leite foram sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A criança não se serve de um objeto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque a torna independente do mundo externo, que ela ainda não consegue dominar, e porquê desse modo ela se proporciona como que uma segunda zona erógena, se bem que de nível inferior”. (FREUD, 1901-1905, p.85). Logo ao nascer, a criança apresenta o reflexo da sucção, reflexo esse que é vital a sua sobrevivência, pois é fundamental para sua alimentação. Esse reflexo é para ele, acompanhado pelo prazer que a criança sente no contato da sua boca com seio da mãe. Diz ele: “Vendo uma criança que tenha saciado seu apetite e que se retira do peito da mãe com as bochechas ruborizadas e um sorriso de bem-aventurança,

para cair em seguida em um sono profundo, temos que reconhecer neste quadro o modelo e a expressão da satisfação sexual que o sujeito conhecerá mais tarde”. (FREUD, 1976, p. 86). É natural que ideias novas sejam questionadas quando surgem, principalmente quando se chocam com velhos preconceitos ou privilégios arraigados, cultural e psicologicamente nas pessoas, segundo Ceccarelli, (2000, p.35): “No século XIX, a “descoberta” de Freud – a psicanálise – trouxe contribuições importantíssimas que abalaram a estrutura moral vigente de sua época com a afirmação de que os impulsos e desejos desconhecem barreiras para sua satisfação. A publicação, em 1905, dos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade fez com que Freud fosse considerado uma figura imoral, obscena e impopular por afirmar que as tendências sexuais chamadas perversas e catalogadas como aberrações humanas eram universais e presentes até mesmo nas crianças. Neste texto revolucionário, Freud mostra à biologia, à religião e à opinião popular, o quanto estas se enganaram no que diz respeito à sexualidade humana, propondo, a partir da visão da pulsão sexual – diversificada, anárquica, plural e parcial – outra maneira de se pensar o sujeito, cuja constituição não pode ser separada da sexualidade”.

Freud Viveu em uma sociedade conservadora e tendo a religião como ideal de salvação, onde comumente a criança era associada a imagem de Jesus: “A associação da criança a Deus pode ser vista na literatura desde o século XVI a meados do século XX, quando a consideravam como um ser inocente, semelhante aos anjos, criaturas a quem Cristo amou” (ARIÉS, 1981, p. 105).

Embora tenham ocorrido tantas “evoluções”, tabus e preconceitos em relação à sexualidade continuam a existir, presentes cada vez mais na sociedade e na resistência em aceitar a criança como um ser que possui desejos e anseios: “A ‘criança inocente’ é comumente entendida como universal, ou seja, natural à criança, independente do momento histórico e da cultura em questão. Entendendo a criança como livre de tentação e desejo sexual, ela desconsidera diferenças raciais, de gênero ou de classe (...). A concepção moderna de ‘criança inocente’ tem uma história, sendo formada por ideias de diferentes contextos históricos”. (CECCARELLI, 2009, p. 31).

Em meio a esse cenário e com suas ideias cada vez mais revolucionárias diante da postura da criança e em confronto com sua inocência angelical, Freud passa a ser hostilizado na sociedade, ganhando o status de uma figura cada vez mais impopular e taxado de imoral e obsceno.

A leitura do texto “Três Ensaios Sobre Sexualidade” apresenta claramente sua postura revolucionária a respeito da sexualidade humana, principalmente ao dizer que ela age por conta própria, não possui objeto fixo e que seu objetivo é o prazer e não somente a procriação. Essas ideias são totalmente opostas aos ideais que historicamente o Cristianismo defende como verdade absoluta e irrefutável, facilmente percebida no texto *Leitura das Perversões*: “A única justificativa para a sexualidade era a reprodução da espécie, e, somada ao sacramento do matrimônio, ela apagava o pecado do prazer; mas o prazer em si era tido apenas como uma falha, da qual ao menos a esposa podia ser salva pela graça da frigidez; e a união só era lícita quando contribuía para a procriação, única coisa a desculpar a bestialidade desses atos. Na falta da perfeição e já que o povo do Senhor tinha de se propagar, podia-se tolerar algum prazer, sob a condição de que ele fosse bastante reduzido e de modo algum se transformasse num fim em si”. (LANTERI-LAURA, 1994, p. 162).

O conceito de sexualidade desenvolvido por Freud era muito mais além em amplitude do que o que a sociedade acreditava, mediante as questões culturais arraigadas pelo dogmatismo da igreja, conforme vimos anteriormente.

Mediante a posição da Igreja, a questão sexual parece constranger e assombrar, por trazer consigo implicações e questionamentos sobre a representação de Deus, da salvação e do pecado. Além de ser uma questão moral para ela, a mesma se vê paralisada em meio a um grande número de dogmas, as quais defende como verdade absoluta durante séculos. Por essas e outras questões, uma ideologia inovadora como a de Freud que questiona essas verdades, é comum encontrar resistências e preconceito. Em seu artigo *Perversão e suas versões*, Ceccarelli (2005, p. 46) nos diz que “Muitos são os tabus e os códigos de conduta presentes na sociedade ocidental que, até hoje, ditam uma normatização utópica para o desejo. A ideologia religiosa, por exemplo, sempre subjugou e restringiu as possibilidades de uma vivência sexual que levasse em consideração a visão psicanalítica de uma pulsão sexual infantil diversificada, anárquica, plural, parcial, bissexual e perversa, subjacente a toda e qualquer constituição psíquica. Do Código de Moisés aos dias atuais, o sexo sempre foi relegado pelas religiões ancoradas na tradição judaico-cristã a um estado inferior, passível de condenações, restrições e punições divinas e humanas”.

Modificar as bases culturais e religiosas que fazem parte de nossa civilização e ultrapassam séculos, parece algo inalcançável. Entretanto,

questioná-las, segundo Freud: “É um direito justo que não nos coloca numa posição de inimigos da civilização, mas evidencia as suas falhas por atender de forma tão inadequada as nossas exigências de um plano de vida que nos torne felizes”. (FREUD, 1930, p. 102).

O próprio criador da Psicanálise tinha consciência da resistência que possivelmente encontraria pela frente, da rejeição de uma época conservacionista, das críticas relacionadas à sua teoria, por se fazer relação do desejo a criança. Freud tinha o desejo de que sua obra fosse reconhecida e conseqüentemente naturalizada, porém acreditava que pudesse ter algo inacabado, isso fica claro quando ele escreve no Prefácio à segunda edição do livro *Os Três Ensaios Sobre a Sexualidade*: “é seu desejo ardente que o livro envelheça rapidamente – que o que nele uma vez foi novidade, possa tornar-se geralmente aceito, e que o que nele estiver imperfeito possa ser substituído por algo melhor” (FREUD, 1905, p. 114).

Apesar de toda resistência e descrédito no início do século XX em relação à sexualidade infantil, a mesma trouxe muita contribuição aos estudiosos da época, não só no estudo da histeria mais de todo o comportamento humano, o próprio Freud deu muita importância a essa obra, podemos ver claramente uma carta de Freud a Abraham de 1908, ele próprio partilhava desta idéia: “A resistência à sexualidade infantil, diz ele, fortalece minha opinião de que os três ensaios são uma realização de valor comparável à interpretação dos sonhos”. (GAY, 1989 p. 97).

## CONCLUSÕES

Os estudos de Sigmund Freud sobre a sexualidade levaram-no a fazer uma série de afirmações que scandalizaram a sociedade de sua época. Da mesma forma que os homens dos séculos passados não poderiam sequer imaginar que o mundo atual teria tantas descobertas científicas como o rádio, a televisão e os telefones celulares, os contemporâneos de Freud não podiam aceitar novas ideias sobre a importância do sexo na vida humana. As novas ideias são sempre combatidas ou no mínimo bastante questionadas quando surgem pela primeira vez.

Isso acontece com mais força quando as ideias novas vão se chocar com os velhos preconceitos ou privilégios arraigados há muito tempo. Quando Freud tentou ajudar adultos a vencer suas neuroses, formulou para isso uma filosofia geral capaz de explicar como as patologias se desenvolviam e como as crianças se desenvolviam psicosssexualmente. Ele percebeu que as crianças desde a mais tenra idade,

exerciam atividades sexuais e estabeleceu cinco fases dentro das quais aconteceria o desenvolvimento emocional e psicosssexual da criança.

A forte resistência que essa teoria de Freud sofreu, mediante a sociedade conservadora da época, nos traz questionamentos de como as ideias dele eram além do tempo em que vivia e que, mesmo com o passar do tempo elas permanecem operantes na filosofia da Psicanálise.

### AGRADECIMENTOS

A Deus.

### REFERÊNCIAS

#### a. Periódicos:

CECCARELLI, P. R. Sexualidade e Violência. Boletim de Novidades da Livraria Pulsional. São Paulo, Escuta. 11(106): 18-37, fev. 2000.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Perversão e suas versões. In: Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, ano XXVII, 52, 43-50, 2005.

CECCARELLI, P. R. Sexualidade e preconceito. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, Set. 2009; Vol. III, p. 17-45.

#### b. Livro:

ARIÉS, P. História social da criança e da família. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FREUD, S. (1901- 1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972.

FREUD, Sigmund. O fetichismo. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1930 [1929]) O Mal-Estar na Civilização. Edição Standard Brasileira das Obras Completas. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, Peter. Freud: Uma Vida Para o Nosso Tempo. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.

LANTERI-LAURA, G. **Leitura das Perversões**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.



## Jogos digitais como ferramenta de aprendizagem: novas práticas para o ensino<sup>(1)</sup>.

**Antônio Itamar de Carvalho Silva Júnior<sup>(2)</sup>; Marília Maria de Jesus Queiroz<sup>(3)</sup>;  
Janélyca Dias da Silva<sup>(4)</sup>; Karigina Synara Pereira de Almeida<sup>(5)</sup>; Francisco Mayccon  
Passos Costa<sup>(6)</sup>.**

<sup>(1)</sup> Trabalho executado com recursos da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar;

<sup>(2)</sup> Estudante de psicologia e pesquisador da iniciação científica na Faculdade Evolução (Pau dos Ferros-RN);  
junior.carvalho.jcy@gmail.com;

<sup>(3)</sup> Estudante de psicologia e pesquisador da iniciação científica na Faculdade Evolução (Pau dos Ferros-RN);  
marilia.j.queiroz@gmail.com;

<sup>(4)</sup> Estudante de psicologia e pesquisador da iniciação científica na Faculdade Evolução (Pau dos Ferros-RN);

<sup>(5)</sup> Estudante de psicologia e pesquisador da iniciação científica na Faculdade Evolução (Pau dos Ferros-RN);

<sup>(6)</sup> Mestrando em Educação (POSEDUC-UERN), Professor de psicologia e coordenador do projeto de pesquisa *Oficinas de Jogos Digitais de Processos de Aprendizagens* da Faculdade Evolução (Pau dos Ferros-RN).  
mayccon@yahoo.com.br

**RESUMO:** A aprendizagem é um dos conceitos mais discutidos em todas as áreas de estudo e atualmente vem sendo incorporada ao campo da tecnologia, onde os jogos digitais se apresentam como mediadores no desenvolvimento cognitivo. Com isso objetiva-se buscar a relação entre jogos digitais e aprendizagem, como essa ferramenta tecnológica pode contribuir e potencializar os novos modos de ensino e aprendizagem. O trabalho foi desenvolvido através de uma revisão bibliográfica de artigos e pesquisas desenvolvidas no Brasil com essa temática, sendo a maioria na área da psicologia. Com isso, através dos estudos analisados, confirma-se a contribuição desse recurso inovador não apenas na aprendizagem, como também no processo criativo dos jovens que tem contato com jogos, desenvolvendo habilidades extracurriculares, além de potencializar suas capacidades.

**Termos de indexação:** jogos digitais, aprendizagem e ensino.

### INTRODUÇÃO

Estamos mergulhados em uma cultura cibernética, onde a tecnologia se tornou a principal forma de contato com o mundo. E este período tem causado uma série de discussões, principalmente, em como se dá o processo de ensino e aprendizagem dos jovens em meio à tantos estímulos.

Como estes têm sido afetados, quais as vantagens e desvantagens desse processo além de buscar compreender como potencializar as suas capacidades e habilidades utilizando a tecnologia como uma ferramenta, tem sido a fonte de muitos estudos que tem se debruçado sobre o assunto (MONTE, 2014, SAVI; ULBRICHT, 2008, ESPINOSA et al., 2013, WIENER, 2006)

buscando investigar quais os impactos de novos paradigmas na vida e construção do ser humano.

Para Kastrup (2004), existe uma ampliação do conceito de aprendizagem. Entendida muitas vezes apenas como a capacidade de prestar atenção a um objeto e/ou situação esse conceito não é mais válido, levando-se o contexto no qual estamos inseridos atualmente.

Diante da nova perspectiva de ensino e aprendizagem, entende-se a influência que, principalmente os jogos digitais, têm sobre esse processo. Segundo Monte (2014) a experiência conquistada, bem como as habilidades adquiridas através do brincar é extremamente relevante na construção cognitiva e social do indivíduo.

Dessa forma, o presente trabalho tem por potencializar o processo de ensino e aprendizagem.

O fato de estarmos imersos em uma cultura tecnológica, onde grande parte das interações acontece pelo meio virtual, sendo os jovens os principais consumidores desse sistema, entende-se a importância de estudos relacionados à temática: tecnologia e indivíduo. Principalmente, no que se refere a jogos, pois estes são a primeira forma de contato de crianças com o mundo da tecnologia, para isso é extremamente necessário estudos que busquem entender como esse recurso pode ser utilizado para estimular esses jovens a desenvolver novas capacidades.

### MATERIAL E MÉTODOS

Para o presente trabalho adotou-se uma revisão de literatura, ou pesquisa bibliográfica de alguns artigos científicos publicados por pesquisadores que discutem a temática, com a finalidade de resgatar os principais conceitos e perceber a importância das contribuições e

estudos desenvolvidos sobre a temática (GIL, 2008).

Para a realização de nossos objetivos analisamos as produções dos seguintes pesquisadores: Alves et al. (2012); Benedetti et al. (2012); Espinosa et al. (2013); Kastrup (2004); Maratori (2003); e Monte (2014). Os resultados trazidos pelos mesmos serão discutidos e fundamentarão este trabalho.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As tecnologias estão diretamente envolvidas na nova cultura contemporânea. Apresentaremos aqui resultados de pesquisas que apontam como a tecnologia e os jogos digitais potencializam a aprendizagem.

Em 2003 foi desenvolvida uma pesquisa abordando o porquê da utilização de jogos educativos no processo de ensino e aprendizagem, procurando entender se a utilização dos jogos digitais podem potencializar o desenvolvimento de diversas competências, possibilitando uma reestruturação do modo de relacionamento entre aluno e professor. (MARATORI, 2003).

Segundo Maratori, (2003) a ideia de um ensino despertado pelo interesse do aluno modificou a teoria material pedagógica, de modo a ser o guia do seu processo de aprendizagem, experiências e de descobertas. Nesse contexto, o professor seria mediador de ocasiões estimulantes, de modo que o jogo ganhasse ênfase na medida que se tornava estímulo ao interesse dos alunos.

Em seu trabalho, o autor conclui que os jogos desponta como uma poderosa ferramenta na otimização do desenvolvimento cognitivo. Com eles pode-se obter conhecimentos sob vários pontos de vista, possibilitando ao aprendiz compreender e julgar melhor suas experiências na vida real que contribui para a formação de atitudes sociais como respeito mútuo, cooperação, obediência às regras, senso de responsabilidade, senso de justiça, iniciativa pessoal e grupal. (MARATORI, 2003).

Espinoza et al. (2013) aborda a eficácia de se desenvolver um processo de ensino-aprendizagem utilizando os jogos digitais, dependendo da participação dos professores e de sua concordância em utilizar esses meios na educação, buscando indagar a posição dos professores sobre o uso dos jogos na sala de aula, o que pode levá-los a fazer o uso dessas tecnologias e as características que interligam esses professores.

Destaca-se então, que os professores são capazes de fazer útil as tecnologias de jogos digitais em meio ao ensino de seus alunos,

podendo assim fazer posse de pontos em comum entre os professores que estão a mercê dessas mídias no processo de trabalho. Pode-se ressaltar que a criança encontra no jogo uma forma mais fácil de se aprender (ESPINOSA et al., 2013).

Benedetti (2012) abordou a importância da utilização dos jogos digitais em meio ao ensino fundamental, entretanto buscou delimitar sua pesquisa com professores e alunos em uma cidade do Rio Grande do Sul. Os alunos em questão seriam os aprendizes através dos jogos digitais educativos a partir do *Portal Ludus*, já os professores, mediadores que tinham a função de utilizar os jogos no contexto da sala de aula.

Concluiu-se na pesquisa listada acima, que os jogos digitais a partir do lúdico proporcionam diversos tipos de possibilidades, ajuda na aprendizagem e na socialização das crianças, pois é no ato de brincar, tendo como foco os jogos digitais, que a criança organiza seu mundo, busca soluções, expressa a criatividade, desenvolve a linguagem e a concentração, desempenha diferentes papéis auxiliando assim a obter uma aprendizagem significativa. Sua eficácia tem grande papel na participação direta do professor, pois atuava como mediador pedagógico desses trabalhos. (BENEDETTI, 2012).

Monte (2014), em sua pesquisa busca analisar as formas de atenção da experiência entre jovens com algum tipo de sofrimento psíquico, a partir de oficinas de jogos digitais proporcionadas no Centro de Atenção Psicossocial Infantil – CAPSi da cidade de Mossoró/RN. O trabalho objetivou entender como o jogo cria experiências potencializadoras de transformações cognitivas.

Sua pesquisa foi realizada através dos métodos de pesquisa intervenção e cartografia, no qual o pesquisador estava diretamente mergulhado nesse processo e junto aos próprios jovens jogadores. Concluiu-se que os jogos digitais se apresentam como grandes potencializadores tecnológicos do processo de aprendizagem, onde as formas de atenção iam se modificando de acordo com a experiência do jogador ao longo da pesquisa e nas oficinas propostas, pois o jogo digital permite uma maior interatividade, participação e colaboração com afeto e potência entre os jovens. (MONTE, 2014).

Desse modo, foi evidenciado em todos os trabalhos listados que os jogos digitais podem potencializar sucintamente os processos de ensino e aprendizagem, dessa forma, a aprendizagem e o desenvolvimento estão interligados, onde o conhecimento do indivíduo é fruto das influências e das experiências, e que cada um cria o próprio significado dessas vivências. (BENEDETTI, 2012).

## CONCLUSÕES

Por meio das explanações aqui apresentadas, entendemos que o objetivo do trabalho foi alcançado, ao passo que uma série de estudos e pesquisas confirmaram como a tecnologia, especificamente o jogo digital, pode contribuir tanto em um novo método de ensino quanto nas novas formas de aprendizagem. Possibilitando, assim, o desenvolvimento de novas capacidades e habilidades dos que se utilizam desse recurso.

Assumir a experiência de jogar como um recurso que permite a aprendizagem pode trazer inúmeras contribuições tanto para educadores quanto para educandos. Os resultados apontam que seu uso potencializa de várias maneiras a aprendizagem, além de ser um recurso popular, interativo e estimula a cognição.

Destaca-se ainda que as tecnologias podem ser mediadoras nas relações sociais que permeiam a educação, para tanto professores e alunos precisam estar preparados e abertos para a experiência possibilitada pelos recursos tecnológicos.

Nesse sentido, este trabalho buscou provocar reflexões acerca dos possíveis usos dos jogos digitais nos espaços educativos, entendendo ele como um instrumento e mediador na aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ALVES, L. NEVES, I. B. SOUZA, J. R. de. **Jogos digitais e aprendizagem**. Jauti: RedAUTI, 2012.

BENEDETTI, Neci. Biasin. **Jogos digitais na aprendizagem**. Trabalho de conclusão de Curso, Porto Alegre: UFRGS, 2012. (Trabalho de

ESPINOSA, R. S. C. RENATO, H. H. GÓMEZ, J. L. E. **Aprendizagem baseada em Jogos Digitais**: Entrevistas com professores que utilizam jogos digitais em suas práticas educativas. Proceedings of SBGames, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KASTRUP, Virgínia. **A aprendizagem da atenção na cognição inventiva**. *Psicologia & Sociedade*, 16(3), 7-16. 2004.

MONTE. Washington Sales Do. **Oficinando com jovens: análise de processos de atenção na experiência com jogos digitais**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, RN, Brasil, (2014).

MARATORI, Patrick Barbosa. **Porque utilizar jogos educativos no processo de ensino aprendizagem?** Trabalho de Conclusão de Curso, Rio de Janeiro: 2003. Disponível em:  
<[http://www.nce.ufrj.br/ginape/publicacoes/trabalhos/t\\_2003/t\\_2003\\_patrick\\_barbosa\\_moratori.pdf](http://www.nce.ufrj.br/ginape/publicacoes/trabalhos/t_2003/t_2003_patrick_barbosa_moratori.pdf)>  
Acesso em: 12 jan. 2015

## Antecedentes influenciadores da teoria psicanalítica freudiana.

Clara Shayana Regis Raulino<sup>(1)</sup>; Francisco Mayccon Passos Costa<sup>(2)</sup>.

<sup>(1)</sup> Graduanda; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros, RN; clarashayana@hotmail.com;

<sup>(2)</sup> Mestrando em Educação (POSEDUC-UERN); Docente da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros – RN; [mayccon@yahoo.com.br](mailto:mayccon@yahoo.com.br).

**RESUMO:** Não há quem nunca tenha ouvido falar no termo Psicanálise e o nome Freud, contudo psicanálise e psicologia não são sinônimas como frequentemente são abordados pelo popular. A psicanálise além de um método psicoterapêutico pode ser considerada também como uma teoria do comportamento humano que aborda questões como teoria da personalidade, mecanismo de defesa (Freudianos), estágios do desenvolvimento da personalidade, o princípio do prazer, a ideia do consciente/inconsciente, e entre outros. Alguns desses temas serão abordados com ênfase neste artigo juntamente com os antecedentes e filósofos que influenciaram na construção da Teoria Psicanalítica. Esse trabalho objetiva, portanto entender os componentes que influenciaram na construção da Psicanálise ao longo da vida de Freud. A pesquisa foi realizada através de pesquisa em diferentes fontes bibliográficas, o que proporcionou em uma apanhado de informações relevantes para este resumo.

**Termos de indexação:** Psicanálise. Antecedentes psicanalíticos. Sigmund Freud e filósofos.

### INTRODUÇÃO

Se perguntarmos para um leigo quem foi Titchener<sup>1</sup> ou Wertheimer<sup>2</sup> é muito improvável que ele possa responder quem foram e quais trabalhos esses psicólogos desenvolveram, entretanto para a população geral Freud está totalmente associado à psicologia que para muitos, os termos “Psicanálise” e “Psicologia” são sinônimos, quando, na verdade, não são.

Cronologicamente, a psicanálise antecede outras escolas da psicologia como o Estruturalismo, o Funcionalismo e até mesmo o Behaviorismo e a Gestalt (SCHULTZ, 2009).

A psicanálise não é filha da psicologia acadêmica, diferente das demais escolas como o funcionalismo e behaviorismo, as quais tiveram ponto em comum (fosse para concordar, ou discordar), a psicanálise não teve origem na psicologia experimental acadêmica, ela surgiu da

medicina e psiquiatria, “a partir das tentativas de tratamento de pessoas rotuladas pela sociedade como doentes mentais.” Schultz (2009, p. 348).

Ainda sobre esse pensamento pode-se dizer que a psicanálise tinha como foco no estudo a psicopatologia, e utilizava o método de observação clínica, enquanto as outras escolas estudavam comportamento com métodos extremamente controlados em laboratório.

É importante entender tais questões a fim de compreender que os elementos que constituem essa teoria desde o método comprovativo da própria Psicanálise.

Objetivou-se com esse trabalho além da compreensão dos elementos psicanalíticos Freudianos, conhecer, igualmente, os antecedentes influenciadores na construção dessa teoria, tal como a forma que compuseram uma abordagem da psicologia que teve um alcance tão significativo não somente dentro da área científica, mas também do senso comum. Em decorrência dos fatos, secundariamente, intenta-se realizar um percurso histórico do corpo teórico da Psicanálise.

### MATERIAL E MÉTODOS

A construção desse trabalho foi realizada através de uma pesquisa bibliográfica, por intermédio de um protocolo investigativo foi possível a construção efetiva dos influenciadores nos componentes constituintes da Teoria psicanalítica Freudiana, por meio de revisão bibliográfica desse tema referido. Esse tipo de metodologia possibilita fidedignidade visto que as variáveis utilizadas para construção do trabalho acadêmico são também de confiança. No processo de desenvolvimento investigativo foram analisados se os conceitos abordados por Freud já haviam sido propostos por outros autores, ou filósofos. Para o levantamento bibliográfico foram utilizadas as seguintes fontes: livros, artigos e sites confiáveis, analisando publicações referentes ao tema dos seguintes autores: Goodwin (2005), Nicaretta (2013), Paim e Ibertis (2013). Schultz (2009), Zambroni-De-Souza (2013).

Adaptações e correlações foram realizadas como meio de comparar o que já havia disponível na época e o que foi proposto por Freud ao longo da construção de sua teoria.

<sup>1</sup> Psicólogo responsável pela elaboração da abordagem conhecida como Estruturalismo.

<sup>2</sup> Um dos psicólogos fundadores da Psicologia da Gestalt.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Teorias Antecedentes que Influenciaram a Psicanálise

#### Teorias para formação do termo inconsciente

Schultz (2009) fala que entre o final do século XVII e o começo do século XVIII o grande filósofo Gottfried Wilhelm Leibnitz começou a raciocinar sobre o significado de substância, na qual ele chamou de mônadas, que considerava como elementos individuais de toda realidade.

Esse autor diz ainda que essas mônadas não eram compostas totalmente de matéria no sentido físico, considerava como uma entidade psíquica que era comparada as percepções. Ele confiava que as atividades das mônadas variavam do claramente consciente para o completo inconsciente. Os fatos mentais eram organizados de sensíveis, simples e as racionais. As sensíveis eram encontradas em todos os seres vivos não humanos; as simples eram fundadas da realidade física e as racionais estabelecem a essência da mente humana e também explicariam a consciência.

Goodwin (2005, p. 72) afirma sobre relação da ideia de Leibniz e o conceito do consciente/inconsciente de Freud:

*“[...] Propôs um continuum de percepção, lançando assim a base para dois importantes avanços da psicologia. [...] Implica um nível de percepção, uma ideia semelhante ao conceito do inconsciente, que viria a ser o eixo principal das teorias de Freud.”*

Diante dessa analogia das mônadas (percepções), Leibniz relacionava os graus de consciência inferiores era denominada de percepções minúsculas, a realização consciente dessas percepções eram as apercepções.

No século XIX o filósofo Johann Friedrich Herbart veio aprimorar a teoria de Leibniz sobre inconsciente, dando um conceito de limiar da consciência. Para Herbart as ideias do inconsciente tem um nível abaixo do limiar proposto, e quando surge no nível consciente é apercebida (continua usando o termo de Leibniz). Só que para que essas ideias possam surgir no consciente precisa ser compatível com as já existentes, sendo incompatíveis essas ideias são expulsas do consciente e ficam inibidas. (SCHULTZ, 2009)

Logo depois Fechner surge também com estudos sobre inconsciente fazendo analogia com um iceberg, mas sem deixar de lado a ideia do limiar da consciência, conferências que também seriam usadas por Freud. Fechner comparava o iceberg com a mente dizendo que a ponta do

iceberg era o consciente e a maior porção da mesma fica escondida debaixo da superfície e sofre influências por forças não observáveis. (SCHULTZ, 2009)

Assim pode-se notar que Freud não foi o primeiro a debater a respeito do inconsciente, mas sem dúvidas ele foi o precursor em descobrir uma forma científica para o estudo dessa questão e das demais que serão abordadas ao decorrer do trabalho.

#### Primeiras ideias sobre psicopatologia

Como já mencionado nesse artigo, a Psicanálise não partiu do seio acadêmico da psicologia, sendo assim não contestava ou afirmava nenhuma outra escola de pensamento. O objeto de debate de Freud era o tratamento dos distúrbios mentais.

Por muito tempo as doenças mentais foram vistas como algo espiritual (como se fossem consequências de possessões demoníacas e influência de espíritos). Como Zambroni-de-Souza (2006) descreve, a situação nos manicômios era de grande penúria. Por um longo tempo, esses doentes mentais sofreram crueldades até que fossem reconhecidos como doentes, e melhores condições fossem dadas a essas pessoas.

De acordo com Schultz (2009) os psiquiatras do século XIX dividiam-se em duas visões: a somática e a psíquica. A primeira defendia que a origem do comportamento anormal era devido a causas físicas, como lesão cerebral, tensão excessiva dos nervos ou falta de estimulação nervosa, enquanto os psiquiatras que defendiam a visão psíquica acreditavam que esses comportamentos anormais eram provenientes de causas psicológicas ou emocionais. No geral, a visão somática predominava, mas claramente podemos perceber que a psicanálise se desenvolveu a favor da visão psíquica, visão essa que foi aos poucos aceita por outros cientistas.

#### Terapia da palavra

Ainda na obra de Schultz (2009), podemos ver sua análise sobre um movimento que ocorre nos Estados Unidos, o qual foi responsável pela popularização da terapia da palavra. Conhecido por “Movimento da Igreja Emmanuel”, teve início em 1906 quando Elwood Worcester<sup>3</sup> anunciava em uma palestra para seus paroquianos que ele estaria disposto a se encontrar com as pessoas que tivessem problemas psicológicos e que quisessem discuti-los.

Segundo Nicaretta (2009), a partir de então, as sessões de terapia da palavra tornavam-se populares pelos líderes religiosos, os quais

<sup>3</sup>Elwood Worcester – reitor da Igreja Emanuel, Boston, Massachusetts. O reverendo possuía título de Ph.D em filosofia e psicologia da University of Leipzig, na Alemanha. Aplicava a psicologia experimental nos problemas da vida real.

usavam suas influências como poder de sugestão e a autoridade religiosa para impor aos pacientes um comportamento adequado aos paroquianos. A terapia se tornou muito popular nos Estados Unidos e foi reforçada por uma série de artigos publicados, bem como livros e até um periódico chamado *Psychotherapy*.

Em 1909 quando Freud visitou os EUA para transmitir suas ideias, o conceito de “terapia da palavra” já fazia parte do conhecimento nacional. Essa consciência permitiu a psicanálise obter uma ótima aceitação no país.

#### **A hipnose**

Schultz (2009, p. 353) relata que “o interesse no fenômeno da hipnose também impulsionou o enfoque crescente nas causas psíquicas dos distúrbios mentais.” O autor fala ainda sobre Franz Anton Mesmer (1734-1815), um médico vienense que usava o “magnetismo animal” – uma força magnética presente no corpo humano, a qual funcionava como ímãs – para curar distúrbios emocionais. Apesar do sucesso estrondoso que Mesmer obteve em Paris, ele não tinha muita credibilidade entre os médicos de Viena devido aos seus métodos extravagantes e sem cunho científico. O “mesmerismo”, como era chamado até então, passa a ter outra visão graças ao trabalho de James Braid (1795-1860). Braid dá uma nova denominação a esse procedimento: catalepsia de neuro-hipnologia (desse termo partiu a palavra hipnose), e por ter desenvolvido um trabalho cuidadoso e sem grandes divulgações, Braid ganhou credibilidade no meio científico.

De acordo com Paim e Ibertis (2006) a hipnose teve um grande reconhecimento dentre a comunidade médica através do médico francês Jean Martin Charcot (1825-1893). Charcot desenvolvia um trabalho num hospital de Paris para mulheres com doenças mentais. Obteve êxito no tratamento de mulheres com histeria por meio da hipnose. Charcot contribuiu na descrição dos fatores causadores da histeria, enfermidade essa até então não levada a sério pelos médicos, os quais afirmavam ser uma dissimulação. Essa contribuição além de introduzir a histeria no meio científico, firmou também a hipnose.

Freud acompanhou de perto o trabalho de Charcot, isso antecipou muitas ideias das obras de Sigmund Freud, tanto em relação à hipnose e histeria, quanto à cura de distúrbios emocionais por meio de tratamento da mente e não apenas do corpo (SCHULTZ, 2009).

#### **A influência de Charles Darwin**

Freud, apesar de parecer ter descoberto algo completamente inédito e ímpar, também buscou, assim como todos os outros autores da psicologia, várias influências que o ajudaram a desenvolver a teoria psicanalítica. O naturalista Charles Darwin

foi um dos influenciadores da psicanálise com sua teoria da evolução humana, onde o fez refletir sobre as origens e evolução da espécie humana, além de ajudá-lo a entender a animalidade humana, e pondo um ponto final na ideia de que o homem era soberano aos outros animais. (SCHULTZ, 2009)

Sulloway afirmou que Darwin “provavelmente fez mais que qualquer outra pessoa, abrindo o caminho para Sigmund Freud e a revolução da psicanálise.” (SULLOWAY, 1979 *apud* SCHULTZ, 2009, p.355).

No século XIX Darwin colaborou com o pensamento dos psicólogos para a importância do estudo do comportamento animal para um melhor entendimento do comportamento humano e focaram nos estudos dos comportamentos da mente dos animais, passaram então a utilizar os laboratórios de psicologia para esta pesquisa experimental. (SCHULTZ, 2009)

Para alguns pesquisadores, o enfoque em estudar as funções da consciência pareceu mais importante do que a descoberta de qualquer elemento estrutural da consciência. A teoria de Darwin atentou para uma mudança no objetivo e meta ao estudar a psicologia, onde na escola estruturalista eram analisados os conteúdos da consciência e depois da teoria da evolução passou-se a analisar as funções da consciência. (SCHULTZ, 2009)

Schultz (2009) fala ainda que algumas ideias hoje conhecidas como parte da psicanálise foram anteriormente abordadas por Darwin como, por exemplo, o estudo dos conflitos e processos mentais inconscientes, o significado dos sonhos, impulso sexual e o desenvolvimento infantil, neste, deu sua colaboração para a literatura psicológica infantil publicando o diário sobre seu filho. A tese de Darwin era que a criança passa por várias fases de desenvolvimento análogo as fases da evolução humana.

#### **Outras Influências**

A obra de Schultz (2009) fala também sobre outros estudiosos que influenciaram a psicanálise, como as ideias dos mecanismos de Helmholtz, o qual defendia que as únicas forças no organismo seriam as físicas e químicas. O médico Adolf Partze, defendia que o desejo sexual podia ser reconhecido já na infância com apenas três anos de idade, esse conceito posteriormente foi defendido também por Henry Maudsley. Tempos depois, o médico Albert Moll na publicação do livro *Psychopathia Sexualis* abordou a sexualidade infantil e o amor dos filhos pelos pais de sexo oposto, apresentou o complexo de Édipo, posteriormente apresentada por Freud.

No significado dos sonhos embora Freud falasse que ninguém teve interesse antes dele de

entrar neste universo, os fatos históricos o contradiz, Charcot defendia que os traumas psicológicos provenientes das histerias eram demonstrados nos sonhos. A definição de catarse também teve uma abordagem anterior a de Freud, em 1880, quando Freud ainda estava estudando medicina o tio de sua noiva descreveu o conceito de catarse como uma forma de tratamento para algumas dificuldades emocionais, fazendo com que o paciente relembra-se do trauma e o colocasse no consciente permitindo assim, a sua expressão. (SCHULTZ, 2009).

### CONCLUSÕES

Através das análises realizadas para construção do presente trabalho, pôde-se entender que muitos conceitos abordados na Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud já faziam parte do espírito da época, fato esse que muito ajudou na aceitação e assimilação da teoria proposta por Freud. Contudo, discordar da genialidade de Freud seria equívoco. É imprescindível que foi devido às habilidades desse gênio que se tornou possível a união dessas diversas ideias, bem como a aplicação em um coerente sistema da psicologia. Além do mais, o próprio Freud já reconhecia os seus antecessores e suas contribuições, sem retirar, no entanto, seu crédito próprio.

### AGRADECIMENTOS

As minhas amigas e colegas de iniciação acadêmica Daniela Bezerra dos Santos Trindade e Elaine Paloma Caudino dos Santos, sempre presentes na graduação, principalmente na produção que compreende essa fase.

Ao docente Maycon Passos pela disposição em assumir o desafio da construção de um trabalho em um espaço de tempo tão breve.

### REFERÊNCIAS

GOODWIN, C. J. **História da Psicologia Moderna**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

NICARETTA, M. A formação do mercado das psicoterapias nos Estados Unidos da América e no Brasil: Psicanálise, Psicologia clínica e Psicoterapias. Bol. - Acad. Paul. Psicol., São Paulo, v. 29, n. 1, jun. 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2009000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2009000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 16 jun. 2013.

PAIM, F. F.; IBERTIS, C. M. A hipnose e o método catártico como primeiros caminhos à descoberta da associação livre. Disc. Scientia. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 7, n 1, p. 139-152, 2006. Disponível em:

<<http://sites.unifra.br/Portals/36/CSAUDE/2006/hipotese.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, E. História da Psicologia Moderna. 9. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

ZAMBRONI-DE-SOUZA, P. C. Trabalho e transtornos mentais graves: breve histórico e questões contemporâneas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 26, n. 1, mar. 2006. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932006000100014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 16 jun. 2013.

## Psicologia e processos de aprendizagem na perspectiva da teoria significativa e da aprendizagem inventiva: uma revisão de literatura<sup>(1)</sup>.

Janélyca Dias da Silva<sup>(2)</sup>; Karigina Synara Pereira de Almeida<sup>(3)</sup>; Antônio Itamar de Carvalho Silva Júnior<sup>(4)</sup>; Marília Maria de Jesus Queiroz<sup>(5)</sup>; Francisco Mayccon Passos Costa<sup>(6)</sup>

<sup>(1)</sup>Trabalho executado com recursos da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar.

<sup>(2)</sup>Estudante de psicologia e pesquisador da iniciação científica na Faculdade Evolução (Pau dos Ferros-RN);

<sup>(3)</sup>Estudante de psicologia e pesquisador da iniciação científica na Faculdade Evolução (Pau dos Ferros-RN);

<sup>(4)</sup>Estudante de psicologia e pesquisador da iniciação científica na Faculdade Evolução (Pau dos Ferros-RN);

<sup>(5)</sup>Estudante de psicologia e pesquisador da iniciação científica na Faculdade Evolução (Pau dos Ferros-RN);

<sup>(6)</sup>Orientador do trabalho; Mestrando em Educação (POSEDUC-UERN), Professor de psicologia e coordenador do projeto de pesquisa *Oficinas de Jogos Digitais de Processos de Aprendizagens* da Faculdade Evolução (Pau dos Ferros-RN). mayccon@yahoo.com.br

**RESUMO:** O artigo aborda o diálogo entre duas perspectivas teóricas referentes ao processo de aprendizagem cognitiva Teoria Significativa de David Ausubel, e a Teoria Inventiva de Virginia Kastrup, tem como objetivo a apresentação de amplas as teorias de forma clara e sucinta, ainda estabelecendo uma relação, permitindo identificação de semelhanças e divergências existentes. Sua realização se fez por meio de uma revisão de literatura, ou pesquisa bibliográfica de alguns artigos científicos publicados por pesquisadores que discutem a temática. A teoria significativa afirma a aprendizagem como cognitiva, no qual o processo também se dá através da assimilação de significados, entendendo-se que o conteúdo se apresenta quando o material potencialmente significativo se incorpora a estrutura cognitiva. A perspectiva da aprendizagem da atenção inventiva tem destaque contemporâneo, procurando-se entender e descrever o funcionamento atenção, um outro aspecto é a dispersão, resultante das várias mudanças do foco da atenção. Concluindo, a com a existência de negligências da educação, e a necessidade de compreensão desses aspectos por parte dos educadores, e diante dessas perspectivas revelando a importância de cada uma delas e ainda como cada uma trata desse processo de aprendizagem apresentado as divergências referente ao aluno frente a esse processo e semelhanças como o mesmo direcionamento.

**Termos de indexação:** aprendizagem, inventiva, significativa.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho discutirá à aprendizagem na perspectiva de duas teorias, que nos últimos anos têm se afirmando no campo da psicologia da aprendizagem devido à importância teórica e os

diversos estudos desenvolvidos sobre os processos da aprendizagem que se embasam nos aportes teóricos que apresentaremos. As teorias a serem discutidas são a da *Aprendizagem Significativa* de David Ausubel, e a *Teoria Inventiva*, muito defendida por Virgínia Kastrup.

A aprendizagem significativa é voltada para a aprendizagem cognitivista, com o intuito de explicar como se dá esse processo, ainda diz respeito a assimilação de significados do aluno frente ao meio escolar segundo afirma Neto (2013).

A aprendizagem inventiva, segundo Kastrup (2004) se revela através de breakdowns (colapso nervoso) que constituem rupturas no fluxo cognitivo habitual. As duas faces dessa aprendizagem são problema e solução. Pela noção de cognição inventiva que se entende como uma prática de invenção de regimes cognitivos diversos, não limitando-se a um funcionamento controlado por leis e convicções. O problema da aprendizagem da atenção envolve dois conceitos, primeiro em relação ao ato de prestar atenção a tarefas e de buscar informação, no segundo modifica-se o modo de colocar o problema da relação entre atenção e aprendizagem.

Diante da relevância da aprendizagem na psicologia, é conveniente nos aprofundarmos sobre o tema, pois, o mesmo se faz muito presente para a nossa futura atuação e possuir tais conhecimentos nos traz um diferencial e potencial frente a situações onde será necessário possui tais atribuições.

É objetivo deste trabalho apresentar as duas teorias, estabelecendo uma relação entre as mesmas, permitindo identificar a existência de semelhanças e divergências.

A abordagem de tal discussão proporciona uma relevância pois a mesma se apresenta diversa, assim contribuindo para o fortalecimento das discussões em torno dos estudos da aprendizagem, vindo a ser útil para pesquisas



futuras. Importante contribuição também para novos entendimentos sobre o ensino-aprendizagem, a educação precisa ter significado e a atenção/distração podem e devem ser trabalhadas pelo professor como inerentes ao processo de aprendizagem. O diálogo estabelecido entre esses dois pontos de vista propõe contribuir para o esclarecimento sobre o tema que se demonstra bastante contemporâneo.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para o presente trabalho adotou-se uma revisão de literatura, ou pesquisa bibliográfica de alguns artigos científicos publicados por pesquisadores que discutem a temática, com a finalidade de resgatar os principais conceitos e perceber a importância das contribuições e estudos desenvolvidos sobre a temática (GIL, 2008).

No que diz respeito da *aprendizagem significativa*, que têm como principal expoente Ausubel, D. P (1980), seus colaboradores Novak, J. D.; Hanesian, H. (1980), e Pontes Neto (2013) que discute esse autor. No tocante a *aprendizagem inventiva* utilizamos Kastrup (2004) como principal referência.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciaremos apresentando a *teoria da aprendizagem significativa* de David P. Ausubel diante dos esclarecimentos e propostos discutido por Pontes Neto (2013). Como já mencionado anteriormente, a mesma possui a caracterização da aprendizagem como cognitiva, esse processo também se dá através da assimilação de significados, ou seja, o conteúdo apresenta-se quando o material potencialmente significativo se incorpora a estrutura cognitiva.

Segundo Ausubel (*et al*, 1980,) a ocorrência da aprendizagem significativa implica três fatores: a) disposição do aluno em conectar o material a ser aprendido de modo substantivo e não arbitrário, b) a presença de ideias importantes em sua estrutura cognitiva, e c) o material potencialmente significativo. A aprendizagem significativa é o encarregada pela edificação do conhecimento, afirmando que, de acordo com a teoria Ausubeliana, o principal fator que inicia a aprendizagem é um construto com alto poder explicativo, no qual o conjunto dessas aprendizagens se armazenam na estrutura cognitiva, desse modo, identificando relevância do conteúdo já existente com a aprendizagem anterior, na aprendizagem do conteúdo atual.

Nessa perspectiva a psicologia educacional deveria ser abreviada a apenas um princípio: o de

que a aprendizagem deve ser efetuada através do que o aluno já possui conhecimento, ou seja, não abordando temas onde o mesmo não possua qualquer domínio ou conhecimentos anteriores. (AUSUBEL, 1980; PONTES NETO, 2013)

Ainda segundo Pontes Neto (2013), levando em consideração também os fatores psicológicos, a aprendizagem significativa certifica que a disposição do Aluno é de suma importância, como também o material a ser aprendido, efetivando e relacionando a estrutura cognitiva.

A perspectiva da *aprendizagem da atenção inventiva* tem destaque na atualidade no mundo contemporâneo, procurando-se entender e descrever como a atenção funciona nos dias atuais, um dos aspectos que se sobressai é a dispersão, que resulta da mudança constante do foco da atenção. As tecnologias, como no caso da internet e do celular são fatores importantes, atravessando o fluxo do cotidiano, mostrando mudança constante e acelerada de informações, provocando uma mudança constante do foco da atenção, apresentando problemas de atenção na escola, clínica, ambientes de trabalho e na família, e frequentemente o diagnóstico de TDA (Transtorno de Déficit de Atenção), que tem como sintoma o baixo rendimento na realização de tarefas, dificuldade de seguir roteiros, regras, e desenvolver projetos de longo prazo, cujo quadro pode estar associado a hiperatividade e a impulsividade (KASTRUP, 2004).

Prestar atenção é um dos atos de um processo complexo, que inclui modulações da cognição e da própria intencionalidade da consciência. Do ponto de vista da atenção inventiva, parte importante do processo ocorre fora de foco, incluindo experiências pré-egóicas, opacas e não recognitivas, não sendo sujeito, o centro ou fonte desse processo. Desse modo a aprendizagem da atenção envolve concentração necessária á consistência de tais experiências. Enquanto na atenção concentrada a distração pode ter um papel positivo no processo de aprendizagem inventiva. Para a invenção o ponto é concentração antes de focalização.

Analisando de maneira geral as duas perspectivas teóricas é possível identificar uma relação e também distanciamentos entre as mesmas, pois a aprendizagem significativa e aprendizagem inventiva são teorias voltadas para o mesmo aspecto que é a aprendizagem, mas com percepções sobre esse fenômeno diferentes. É possível estabelecer uma convergência bastante nítida, no tocante ao entendimento da cognição. Ambas as perspectivas teóricas aqui apresentadas, descortinam novas possibilidades sobre os processos de ensino aprendizagem, uma vez que entendem que o sujeito (aluno ou

aprendente) precisa ser percebidos em sua singularidade por aquele que ensina, para que tanto os processos relativos a atenção/distração sejam respeitados e aliados, quanto as próprias vivências e representações cognitivas que o sujeito desenvolve e emprega para dar significado ao que é aprendido.

### CONCLUSÕES

Esses pressupostos teóricos foram durante anos negligenciados pela educação. Culpabilizando os alunos pela não-aprendizagem, ou seja, ele não presta a atenção. Na verdade, os educadores necessitam compreender que a atenção precisa ser aprendida, e a distração é parte do processo de aprender. Além disso, aprendemos aquilo que é significativo. De maneira sucinta foi possível apresenta as duas teorias e suas concepções, revelando a importância de cada uma delas e ainda como cada uma trata desse processo de aprendizagem, estabelecendo a relação das mesmas e ainda conseguindo apresentar as divergências e semelhanças.

É relevante mencionar também as diferenças de décadas existentes entre uma e outra, concluindo-se assim que a aprendizagem sempre será um tema atual e que ainda precisa ser estudado. Não foi pretensão esgotar ou aprofundar os temas aqui abordado, mas lançar luz e questionamentos no entorno da temática que vem sendo pesquisada atualmente pelos autores e coautores deste trabalho. Esta produção contribui para o entendimento dos aportes teóricos apresentados, como também um reforço para trabalhos futuros diante da temática.

### AGRADECIMENTOS

Agradecemos inicialmente a Deus e aos nossos pais. Também a nosso professor Francisco Maycon Passos Costa que nos orientou e tornou possível a execução do nosso trabalho, aos coautores e equipe se esforçaram inteiramente, e a todos aqueles que ajudaram diretamente ou ineditamente, somos gratos por todo colaboração.

### REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **Algumas limitações psicológicas e educacionais da aprendizagem por descoberta**. In: NELSON, L. N. *O ensino: textos escolhidos*. Trad. de Joshua de Bragança Soares. São Paulo: Saraiva, 1980.

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia Educacional**. Trad. Eva Nick e outros. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

KASTRUP, Virgínia. **A aprendizagem da atenção na cognição inventiva**. *Psicol. Soc.(Impr.)*, v. 16, n. 3, p. 7-16,2004.

NETO, José Augusto da Silva Pontes. **Teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel: perguntas e respostas**. *Revista Série-Estudos*, n. 21, 2013.

## Entre o brincar e o trabalho: uma análise teórica e reflexiva acerca das representações parentais.

**Maikey Lucas de Oliveira Maia<sup>(1)</sup>; Maria Alyne de Queiroz Oliveira<sup>(2)</sup>; Eriberto Vagner de Souza Freitas<sup>(3)</sup>; Francisco Mayccon Passos Costa<sup>(3)</sup>.**

<sup>(1)</sup> Estudante do Curso de Psicologia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros, RN; maikeyoliveira@icloud.com.

<sup>(2)</sup> Estudante do Curso de Psicologia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; [alyne\\_queiroz@hotmail.com](mailto:alyne_queiroz@hotmail.com).

<sup>(3)</sup> Professores e orientadores da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar.

**RESUMO:** O presente estudo vem expor a importância do brincar para um desenvolvimento saudável de uma criança, intercalando com uma breve explanação das consequências nesse desenvolvimento quando ocorre a exposição da mesma, precocemente, ao trabalho, ao ponto em que esse coloca o brincar em plano secundário na vida do sujeito. Com isso, teve-se como objetivo apreender a importância que pais, de diferentes classes aquisitivas, dão ao trabalho e ao brincar.

**Termos de indexação:** brincar, trabalho infantil, lúdico, desenvolvimento, criança.

### INTRODUÇÃO

Segundos dados coletados, hoje, o Nordeste concentra cerca de 26,4% do número de crianças submetidas ao trabalho (PNAD, 2014). De certa forma, isso se apresenta como um dado preocupante e que obteve nossa preocupação para entender como se configura tal estatística.

Numa reflexão acerca desses dados é cabível analisar o tratamento que é dado ao trabalho e que, conseqüentemente, ajudam na solidificação desse cenário, pois o trabalho ainda é visto como uma contrapartida à marginalidade, acreditando-se que, submetendo crianças a tarefas desde cedo, estaria assim contribuindo para uma melhor cidadania da mesma.

Mas, de fato, até onde isso ajudaria ou atrapalharia o desenvolvimento psicossocial da criança?

A exposição precoce ao trabalho começa a se tornar problemática quando esse acaba por sacrificar o momento lúdico da brincadeira, momento esse que é de fundamental importância para um desenvolvimento sadio.

O brincar é definido por muitos psicanalistas como uma fase de extrema relevância, pois é exatamente no brincar que a criança começa a moldar sua estrutura psíquica e interagir com a realidade que a rodeia, delimitando assim o limite do eu (self) e do outro (GROLNICK, 1988).

Quando se dá como prioridade a atividade laboral ao invés da lúdica, isso acaba se tornando

algo maléfico, passando a comprometer um rendimento/desenvolvimento saudável da criança.

Winnicott (1975), em sua obra (Entre o Brincar e a Realidade, 1975), vem tratar desse cuidado que deve ser tomado, pois a criança ainda se encontra imersa em um processo de maturação psíquica e física, sendo assim o normal seria, nesse caso, o fato de que, nesse caminho de se tornar adulto, as brincadeiras e jogos, gradativamente, cedam o lugar a outros tipos de atividades, e é aqui que o trabalho deve-se apresentar como produto final da vida adulta e não como atividade primária na infância.

### MATERIAL E MÉTODOS

Para o levantamento de dados o procedimento metodológico utilizado para o desenvolvimento da pesquisa foi através da realização de uma entrevista semiaberta de caráter quanti-qualitativo.

A pesquisa foi efetuada a partir de uma amostragem não-probabilística, com uma amostra de 15 famílias. Metade dessas residia em zona rural nas vizinhanças da cidade de Pau dos Ferros/RN, a outra metade era habitante da zona urbana da cidade em questão.

Foi proposto aos participantes que esses respondessem um questionário, sem necessidade de identificação, contendo questões que permitissem gerar justamente uma análise mais densa acerca da concepção de ambos em relação ao brincar e o trabalho, levando em conta o contexto e as condições proporcionadas pelo capital de cada participante.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo permitiu observar que com a média salarial de cada classe calculada (Figura 1) é possível identificar como é a gênese desse cenário de trabalho e brincadeira em ambientes distintos, realidades segregadas pelo poder aquisitivo de cada família.

Com isso, posteriormente, foi questionado se esses pais achavam importante o brincar na vida da criança. Uma grande parcela (73,4%) dos entrevistados respondeu que sim, o brincar é

importante, porém, quando analisa-se, exclusivamente, a classe de menor poder aquisitivo, a maioria frisa que não, o brincar não é tão importante (80%). (Figura 2)

Já estabelece aqui uma ligação tênue entre baixa renda e submissão ao trabalho infantil e tendo-se em vista que essa baixa renda é derivada de uma baixa escolaridade parental. Para Kassouf (2001) o sujeito quando imerso nesse contexto, acaba sendo condicionado a perpetuar no loop da pobreza já que, quanto menor é a escolaridade parental, segundo pesquisas do próprio, maior a exposição da criança precocemente ao trabalho e, quanto mais cedo essa criança é inserida no trabalho, menor será seu rendimento financeiro posteriormente.

É algo que furta nossa atenção os dados da Figura 1 quando olhamos com ótica psicanalítica. Ora, é preocupante quando essas crianças vivem uma infância onde não há espaço para o lúdico. Winnicott, em uma nota citada em Grolnick (1993), destaca que é de suma importância o brincar para o desenvolvimento humano. Já que esse possibilita o reforço da criatividade e é sendo criativo que a descoberta do eu (self) se faz possível.

Quando abordado no questionamento se o trabalho pode ser levado como uma ferramenta para alcançar a dignidade, as respostas obtidas foram, em sua maioria, negativa entre a classe média e a classe mais elevada (70%). Porém, no que concerne à classe com mais baixa renda, tivemos uma unanimidade, sendo que todos responderam que sim, o trabalho ajuda a dignificar a criança (Figura 3).

Esse também é um ponto que merece uma atenção especial. Em nossa região, principalmente, onde se localiza a maior parcela de crianças submetidas ao trabalho infantil, é culturalmente aceito que o trabalho serve de afronta à marginalidade. Esse discurso ganha cada vez mais força se direcionarmos nossa buscas as zonas rurais, onde o trabalho é algo que se relaciona com a virilidade da criança.

## CONCLUSÕES

Concluimos que quando adentramos cada vez mais no âmago da pirâmide econômica de encontro ao seu assoalho, nos deparamos com convicções sociais que desafiam os pensadores do desenvolvimento infantil.

Quando se é analisado as respostas dadas de que o trabalho é um meio de dignificar a criança, em detrimento do brincar, devemos acender o alerta vermelho. Há um problema que carece de nossa atenção.

Se por um lado temos Winnicott dizendo que é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self) (WINNICOTT, 1975), do outro temos famílias desconsiderando a importância desse ato e enxergando a ludicidade como apenas um passatempo que, por sua vez, acaba se tornando algo desnecessário.

Algo preocupante, porém, presente, principalmente, na realidade rural da nossa região.

Essa visão do trabalho pra se “tornar gente” é outro ponto complicado, pois, foi unânime as respostas das famílias de menor renda em relação à importância do trabalho para dignificar e construir o caráter do sujeito.

Que tipo de adulto se cria quando se isenta a criança do seu momento de brincadeira? Já que *“uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar”* (CHATEAU, 1978, p.14).

Freud, em *“Além do Princípio do Prazer (1920)”*, vem dizer que a criança não brinca apenas para criar situações que atendam as suas satisfações, mas também para fantasiar experiências que lhe foram traumáticas, reduzindo assim um pouco da sua tensão. Ele ainda vem dizer que toda criança, ao brincar, estão sendo impulsionadas por um desejo: o desejo de crescer.

Quando a criança troca o lúdico pelo laboral de maneira precoce, seu processo criativo se esvai e é substituído pela robotização, tristeza, desânimo e apatia (BRASIL, 1999). Tudo isso também pode ser resultante da incapacidade de lidar com o trauma.

Vivemos em um tempo, como muito se é conhecido, denominado da *Era do Espetáculo*. Acabou-se por se configurar nosso eu como pertencente a uma noção do que o outro faz/têm de mim. É aqui onde acende o segundo sinal de alerta.

Quando a criança não perpassa esse trajeto do lúdico para o desenvolvimento do seu potencial criativo, conseqüentemente, a construção do eu (self) acontece de forma precária, sendo assim o sujeito acaba sem uma identificação interna de si, voltando essa busca por se identificar, exclusivamente, com algo que se encontra fora dele.

Freud em seu texto *“Introdução ao Narcisismo (1914)”* vem tratar de um conceito de Ideal do Eu. Ora, logo se o sujeito não tem essa construção do Ideal do Eu, é lógico o mesmo procurar isso na imagem que o outro faz dele. É essa imagem que vai ter o papel de decifrar alguma coisa sobre o meu eu (self).

Em um documentário realizado pelo João Moreira Salles para a TV Brasil, um jovem, entre



10 e 11 anos de idade, “aviãozinho” do tráfico, relata que faz isso para ganhar dinheiro e que ele precisa desse dinheiro para comprar um tênis Nike e uma camisa da Toulon pra só assim virar gente.

O exemplo acima é mais uma prova de que o problema da deficiência na estruturação do self é algo, no mínimo, preocupante no que diz respeito a projetar no externo (e somente nele) minha identificação interna (eu).

Com isso temos um problema para ser combatido, primeiramente no âmbito de acessos as políticas públicas que, na maioria das vezes, não se é do conhecimento de pessoas dessa menor renda.

É necessário propiciar um suporte a essas famílias, para que essas tenham condições de se manter sem colocar em risco o desenvolvimento de seus filhos.

É importante a realização de um trabalho de conscientização nessa zona onde o trabalho infantil é visto como algo benéfico. É preciso trabalhar esses pais sobre a necessidade da brincadeira e preservação desse momento lúdico para o desenvolvimento psicossocial saudável dessas crianças.

#### AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos, em primeiro momento, vão para o professor **Orlando Júnior Viana Macêdo** que foi responsável por enxugar o rumo da nossa intenção de pesquisa, clareando assim a forma que se foi trabalhado nosso projeto. Não menos importante, nossa gratidão fica também para com os professores **Eriberto Vagner Freitas** e **Francisco Maycon Passos Costa** pelo tempo disponibilizado para retirada de dúvidas que surgiram e pela orientação dada no decorrer da construção de todo o trabalho.

#### REFERÊNCIAS

ALESSANDRA, C; IANDRA T. C & ANA M. L. M. **Efeitos Perversos do Trabalho Infantil.**

Disponível em: <

[https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao\\_pedagogia/pdf/2005.2/efeitos%20perversos%20do%20trabalho%20infantil.pdf](https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2005.2/efeitos%20perversos%20do%20trabalho%20infantil.pdf) > Acessos em: 04 out.

2015.

CHATEAU, J. **O jogo e a Criança.** São Paulo: Summers, 1987.

CRISTINA, E. B. S. **Pensando sobre o Brincar,** Porto Alegre, n.05, Jan/Fev/Mar 2008.

Disponível em <

<http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo174.pdf> >. Acesso em: 04 out. 2015

GROLNICK, S. A. **Winnicott – O Trabalho e o Brinquedi: uma leitura introdutória.** Porto Alegre: ArtMed, 1993.

PNAD 2014. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios** – IBGE, Rio de Janeiro.

SANDRA, R. G. **O Lúdico na Educação Infantil.** Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev04-16.pdf> Acessos em: 05 out. 2015.

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1971. p.65-108.

## Renda (R\$)

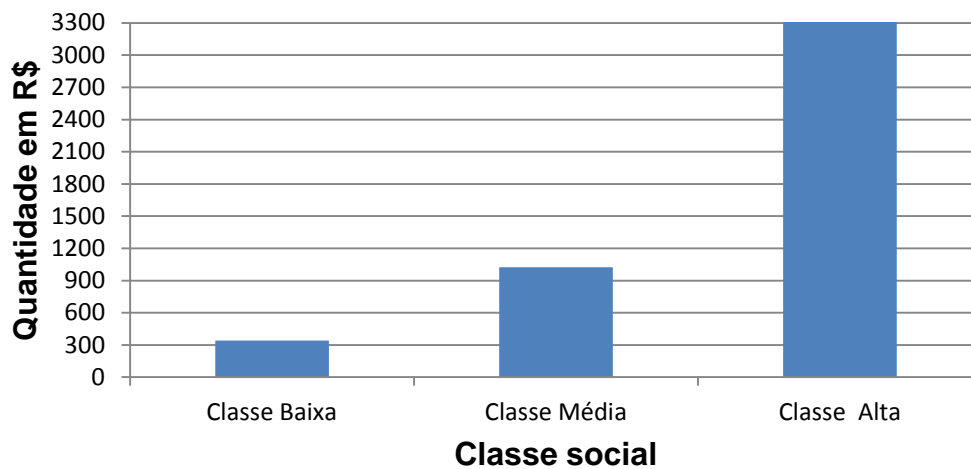


Figura 1 - Contém a média da renda salarial das classes descritas.

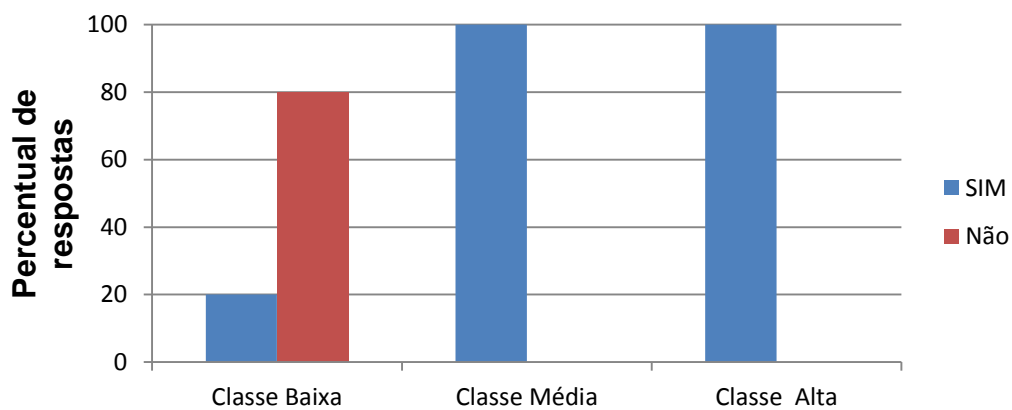


Figura 2 - A importância do brincar na visão parental:

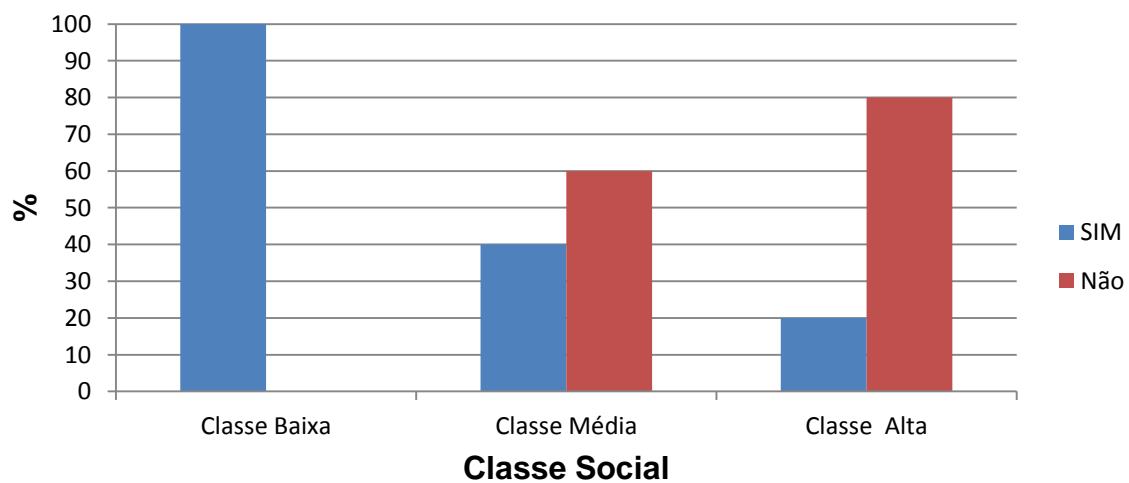


Figura 3 - O trabalho como algo que dignifica a criança.

## O uso do portfólio como estratégia de ensino-aprendizagem para a mobilização de competências na formação de administradores<sup>(1)</sup>.

**Sharliany Fernandes Vieira<sup>(2)</sup>; Sidnéia Maia de Oliveira Rego<sup>(3)</sup>; Mayara Aparecida de Jesus Queiroz<sup>(4)</sup>; Edivaldo Rabelo de Menezes<sup>(5)</sup>; Alexandre Wállace Ramos Pereira<sup>(6)</sup>.**

<sup>(1)</sup> Trabalho executado com recursos próprios;

<sup>(2)</sup> Estudante; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros/RN; sharliany@hotmail.com;

<sup>(3)</sup> Professora Orientadora; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte;

<sup>(4)</sup> Estudante; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte;

<sup>(5)</sup> Professor; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte;

<sup>(6)</sup> Professor; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

**RESUMO:** As organizações contemporâneas estão inseridas em um ambiente de mudanças e instabilidades que influenciam potencialmente a forma como os administradores devem atuar. A eficácia de um modelo de gestão neste cenário perpassa pela formação de equipes de trabalho com bom nível de criticidade, que lhes permitam aporte para responder às exigências atuais da profissão. Diante dessas exigências e necessidades de adaptação, as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Administração (DCNs) estabeleceram parâmetros para que os Cursos desenvolvam iniciativas que alinhem o processo de formação às necessidades organizacionais. Nesta perspectiva, foi analisada uma experiência de uso do Portfólio, em uma disciplina de formação básica, como estratégia de ensino-aprendizagem para a mobilização de competências no Curso de Administração em uma universidade pública no interior do Rio Grande do Norte (RN). Foram aplicados questionários com os estudantes que cursaram a disciplina, bem como foi realizada uma entrevista com o professor responsável. Verificou-se que o uso do portfólio amplia as possibilidades do estudante desenvolver competências profissionais necessárias à sua atuação como administrador. Contribui ainda com o desenvolvimento de uma postura mais crítica e reflexiva do futuro profissional.

### INTRODUÇÃO

As organizações contemporâneas precisam atuar em um ambiente cada vez mais complexo e dinâmico, onde são influenciadas por diversos fatores, que impactam no andamento dos seus processos de gestão. Nesta perspectiva, busca-se cada vez mais por profissionais que possam fazer frente a estas demandas.

Para tanto, a instituição de ensino de nível superior deve estar ciente da necessidade de formar profissionais visando os conhecimentos necessários e também as competências exigidas de acordo com a profissão. No caso do administrador, essas competências se articulam com o mundo das organizações, devendo ainda o estudante manter-se atualizado e capazes de responder de forma crítica e criativa aos problemas organizacionais.

Nesta perspectiva, este trabalho analisa o uso do Portfólio como estratégia de ensino-aprendizagem capaz de desenvolver competências profissionais ao estudante de administração, ao passo que fornece subsídios para que os profissionais que saem da academia para o mercado tenham condições de atuar frente ao cenário de mudanças que emerge continuamente.

Como uma metodologia ativa o uso do Portfólio traz a tônica que os estudantes devem ser sujeitos ativos do seu próprio processo de aprendizagem. Não se sustenta que o ensino se volte simplesmente para transmissão oral de conteúdos por parte dos professores, os estudantes devem sair do comodismo da escuta passiva e se inserir ativamente neste processo.

Mediante o exposto, esta pesquisa analisou a pertinência da inserção do uso do Portfólio em um componente curricular de formação básica do Curso de Administração de acordo com as DCNs (2005), no caso foi estudada a disciplina Metodologia Científica ofertada no segundo período do Curso de Administração da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) em Pau dos Ferros/RN.

### MATERIAL E MÉTODOS

Compõe o universo da pesquisa todos os discentes que cursaram a Disciplina Metodologia Científica no semestre 2014.1 no Curso de

Administração/UERN em Pau dos Ferros/RN. Tem-se, portanto, uma amostra do tipo não probabilística intencional.

A coleta dos dados foi realizada por meio de questionários aplicados aos discentes, e entrevista com o professor da disciplina.

Utilizou-se como procedimento de análise dos dados inicialmente a estatística descritiva por meio de planilhas eletrônicas em seguida na fase qualitativa foi utilizada a técnica de análise de conteúdo utilizando-se, portanto, procedimentos quantitativo e qualitativo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A uso do Portfólio se configura como uma metodologia ativa, porque rompe com o modelo tradicional de ensino, adotando uma nova postura, em que o estudante se comporta como ator do processo de ensino-aprendizagem. Para tanto é oferecido condições aos estudantes de desenvolver uma aprendizagem contínua e processual.

Assim ao adotar o uso do Portfólio na disciplina Metodologia Científica foi possível trabalhar os conteúdos de forma processual e explícita, à medida que possibilitou ao estudante acompanhar constantemente o seu desempenho e evolução no decorrer das atividades. Essas condições são relevantes a medida que a disciplina se enquadra como um componente de formação básica, onde se volta ao entendimento de conteúdos iniciais de formação, os quais serão necessários durante o decorrer do curso de graduação.

Tanto estudantes como o professor consideraram o uso do portfólio uma metodologia de ensino-aprendizagem importante para desenvolver no estudante a capacidade de realizar atividades de natureza científica e acadêmica, principalmente por proporcionar a mobilização de diversas competências.

Para Bordenave e Pereira (2015) para que aconteça a aprendizagem, o estudante deve se mostrar entusiasmado em aprender com os outros; receptivo e participativo para o que é colocado pelo professor e para as experiências apresentadas pelos colegas.

Um dos motivos que justificou o sucesso da metodologia foi a assiduidade dos estudantes com relação à entrega das atividades que foram realizadas continuamente, o que demonstra a mobilização de competências como organização, comprometimento e administração do tempo.

A dinâmica proposta pelo uso do Portfólio, em que se tem a interação entre estudante e professor contribui expressivamente para potencializar a aquisição de conhecimentos sobre

o que é ensinado e experienciado, desse modo, o Portfólio possibilita reforçar, avaliar e ampliar o conhecimento, à medida que permite a revisão contínua dos conteúdos trabalhados. A avaliação da aprendizagem segundo Masetto (2003) adquire uma visão diagnóstica, porque permite ao professor dar ao aprendiz o feedback contínuo durante todos os momentos de processo de aprendizagem. Mas também deve possibilitar ao estudante que ele faça uma auto-avaliação da sua aprendizagem.

Desse modo, o portfólio adquire um sentido prático, facilitado pela liberdade que o estudante tem no processo de pensar e de agir, favorecendo o desenvolvimento de diferentes competências, estimulando a criatividade na construção de soluções dos problemas, além de ser um campo fértil para desenvolver capacidade de trabalhar em equipe, dentre outras competências.

O professor Edivaldo Rabelo descreveu um grupo de competências que considerou desenvolvidas nos estudantes com a aplicação do portfólio, que são apresentadas no **Gráfico 1**.

Percebe-se de acordo com a escala de importância demonstrado no **Gráfico 1**, as competências mobilizadas, bem como os diferentes graus atribuídos pelos estudantes. Ressalta-se que embora se apresente desníveis na aquisição destas competências, todas elas foram em alguma medida desenvolvidas na disciplina, com destaque para: organização, zelo, disciplina e administração do tempo que foram percebidas como importante, muito importante e importantíssima por mais de 75% dos estudantes.

No **Quadro 1** são distribuídas as oito competências estabelecidas nas DCNs (2005), que devem servir de orientação para que os cursos de Administração se organizem e orientem suas ações na busca de mobilizá-las no estudante.

**Quadro 1:** Resumo das Competências de acordo com as DCNs (2005).

- |  |
|--|
| 1. Reconhecer e definir problemas, equacionar soluções, pensar estrategicamente, introduzir modificações no processo produtivo, atuar preventivamente, transferir e generalizar conhecimentos e exercer, em diferentes graus de complexidade, o processo da tomada de decisão. |
| 2. Desenvolver expressão e comunicação compatíveis com o exercício profissional, inclusive nos processos de negociação e nas comunicações interpessoais ou intergrupais.   |
| 3. Refletir e atuar criticamente sobre a esfera da produção, compreendendo sua posição e   |



função na estrutura produtiva sob seu controle e gerenciamento.
4. Desenvolver raciocínio lógico, crítico e analítico para operar com valores e formulações matemáticas presentes nas relações formais e causais entre fenômenos produtivos, administrativos e de controle, bem assim expressando-se de modo crítico e criativo diante dos diferentes contextos organizacionais e sociais.
5. Ter iniciativa, criatividade, determinação, vontade política e administrativa, vontade de aprender, abertura às mudanças e consciência da qualidade e das implicações éticas do seu exercício profissional
6. Desenvolver capacidade de transferir conhecimentos da vida e da experiência cotidianas para o ambiente de trabalho e do seu campo de atuação profissional, em diferentes "continua" modelos organizacionais, revelando-se profissional adaptável.
7. Desenvolver capacidade para elaborar, implementar e consolidar projetos em organizações;
8. Desenvolver capacidade para realizar consultoria em gestão e administração, pareceres e perícias administrativas, gerenciais, organizacionais, estratégicos e operacionais.

**Fonte:** Adaptado das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Administração (2005)

Os resultados da pesquisa revelaram que de acordo com a concepção dos estudantes o uso do Portfólio possibilitou a aquisição de várias competências elencadas nas DCNs (2005), com destaque para: ter iniciativa, ter determinação, ter vontade de aprender, e desenvolver expressão e comunicação, apontadas por mais de com mais de 70% dos estudantes como muito importantes e importantíssimas. Aquelas que foram relativamente menos desenvolvidas foram: reconhecer e definir problemas, equacionar soluções e ter vontade política e administrativa. De modo geral, as competências foram desenvolvidas com êxito. Conforme se observa no **Gráfico 2**.

Pode-se constatar que a metodologia do portfólio contribui de maneira singular para a aquisição de competências, pois a estratégia de ensino-aprendizagem abordada com o Portfólio traz na sua essência a possibilidade de o estudante aprender fazendo, pois são propostos que os estudantes realizem trabalhos individuais e em grupo, nesse sentido, eles são colocados numa posição que possibilita a formação da consciência reflexiva, propiciando uma percepção

geral do processo de ensino-aprendizagem, o que favorece para a aquisição de diferentes competências.

## CONCLUSÕES

Diante da necessidade da formação dos Administradores com um nível de qualificação desejado pelas organizações, admite-se a implementação do Portfólio, por suas possibilidades formativas, como um método diferenciador do processo de ensino-aprendizagem, pois o delineamento dessa metodologia favorece para que os estudantes se reconheçam como sujeitos comprometidos com o ato educativo, favorecendo o alcance dos objetivos de sua formação profissional.

Percebe-se que existe um esforço dos professores em trazer para a sala de aula uma abordagem mais atrativa e interativa em função de um aprendizado mais significativo.

Como prova desse esforço, foi proposta a inserção da Metodologia do Portfólio na disciplina de Metodologia Científica, que veio ampliar e incrementar as práticas de ensino-aprendizagem.

A aplicação dessa metodologia foi de grande valia para o aprendizado do estudante na disciplina, e, sobretudo, para o desenvolvimento das competências profissionais, pois ofereceu mecanismos para melhorar a eficiência e eficácia da aprendizagem no contexto da educação profissional.

## REFERÊNCIAS

### b. Livro:

BORDENAVE, Juan Dias; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 33. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

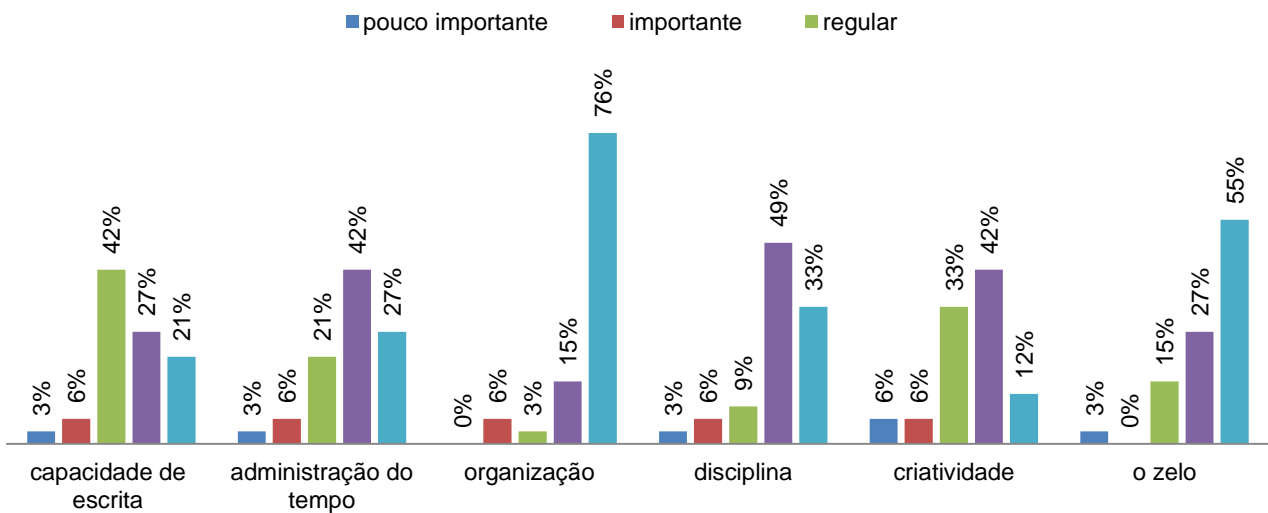
MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

### c. Internet:

#### CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR.

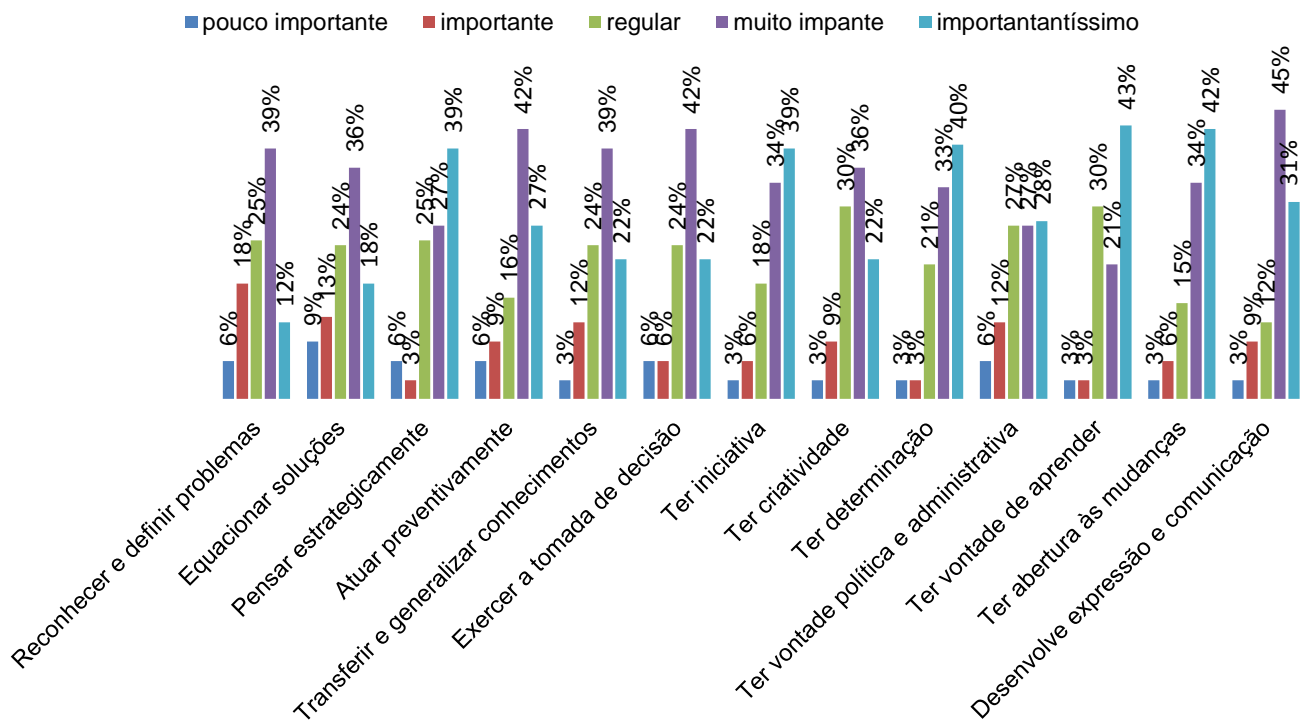
Resolução nº 4, de 13 de julho de 2005: Diretrizes curriculares. 2005. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces004\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces004_05.pdf)>. Acesso em: 01 out. 2014.

**Gráfico 1** – Contribuição do Portfólio para o desenvolvimento de competências



Fonte: Pesquisa de campo (2015)

**Gráfico 7** - Competências e habilidades desenvolvidas com o uso do Portfólio baseado nas DCNs 2005.



Fonte: Pesquisa de campo (2015)